

SITUAÇÃO DE SAÚDE DOS TRABALHADORES NA ZONA CANAVIEIRA DE PERNAMBUCO EM 1963

Dr Fernando Barbosa¹

Uma universidade de longo curso

É um prazer muito grande estar com vocês aqui hoje, até porque isso aqui também é minha casa: eu fiz História aqui e fiz Geografia. Meu currículo é meio esquisito: eu comecei fazendo engenharia, mas larguei tudo da engenharia pra ser geógrafo; para tanto tinha que fazer o bacharelado de Geografia e de História, que na época era um só curso. Simultaneamente fiz o curso de Medicina, tranquei a matrícula na Filosofia, porque não pude conciliar os horários nos dois cursos. No quinto ano de Medicina, voltei à Faculdade de Filosofia e, afinal consegui concluir os dois cursos: o bacharelado em História e Geografia e o curso de Medicina. Eu fui um inquieto. Não era uma pessoa normal para os padrões da época. Minha família dizia que eu era meio maluco, mas eu não era nada maluco. Eu era um inquieto por conta da problemática social da época. E muito cedo tinha simpatias pelos movimentos juvenis comunistas.

Vocês não imaginam o que era ser comunista naquele tempo! Era difícil, pois havia uma perseguição incrível a tudo que se relacionasse com política de esquerda. Os diretórios dos colégios e faculdades, que tinham tendências à esquerda eram perseguidos; as prisões aconteciam sempre. E os movimentos sociais daquela época faziam muitos protestos de rua, principalmente por conta das passagens de ônibus. A agitação era muito grande entre os jovens na cidade.

E a essa altura, o Partido Comunista decidiu fazer um trabalho não apenas nos sindicatos de trabalhadores, mas junto aos habitantes da região metropolitana. E começamos a criar o embrião do que hoje existe organizado em volta das associações de moradores dos bairros do Recife. Na década de 1950, o PCB e outros movimentos sociais conseguiram fundar 19 associações de moradores. Ou seja, o Grande Recife estava todo tomado de associações de moradores.

¹ O autor agradece Paula Kelly da Silva e Christine Rufino Dabat pela transcrição de sua participação da 5ª Oficina Sociedades Açucareiras, 22 de novembro de 2013.

Cada associação dessas, à noite, funcionava como uma escola de alfabetização. Nós pensávamos em educar um pouco a população por conta de que, naquele tempo, só votava quem tivesse título de eleitor e quem fosse alfabetizado. Então essa era uma meta: alfabetizar pra tirar título de eleitor, participar da política, e convocar aqueles que mais tinham uma tendência em participar dos movimentos para entrar no Partido. E com isso, nós criamos um movimento muito bonito aqui no Recife e na região metropolitana toda, a ponto de se organizar uma federação das associações dos moradores, da qual eu fui diretor de organização. Vocês imaginem, eu universitário e participante de tudo isso.

Movimento camponês

Mas aí acontece uma coisa interessante. O movimento camponês aparece, com muito vigor e, nós começamos a ter conhecimento das lutas dos camponeses na Zona da Mata, principalmente em Vitória de Santo Antão. Seu Zezé – que vocês já ouviram falar - Zezé da Galileia – era um homem muito impulsivo, muito forte, muito destemido. Ele se voltou contra o senhor de engenho da época, contra a condição e o cambão. Pois era uma relação escravocrata da época.

O senhor de engenho criava muitos problemas com os trabalhadores rurais, ele tentou expulsar todos eles do engenho Galileia. Os trabalhadores fizeram talvez a primeira greve camponesa, no engenho Galileia. Os moradores não colheram mais a cana do proprietário. Continuaram no seu roçado e se alimentando da batata doce que eles mesmos plantavam, de macaxeira e algumas frutas. Havia muitas jaqueiras no engenho Galileia. Eles comiam quase tudo da jaca, menos a casca. Nas Ligas Camponesas, a gente cozinhava caroço de jaca para almoçar. Pra vocês verem a pobreza da época como era.

PCB

Nós começamos a trabalhar nas Ligas Camponesas com Francisco Julião, com algumas pessoas do Partido Comunista – inclusive Gregório Bezerra – e com o Partido Socialista. Julião era deste partido.

Todos queriam participar. Outros camponeses ouviram falar de Galileia, todos queriam fazer o movimento engatilhar realmente. Galileia conseguiu que o Estado pagasse ao senhor de engenho o valor da terra, e dividiu esta com os camponeses. Isso talvez tenha sido uma coisa revolucionária para a época. Não foi uma reforma agrária, foi uma distribuição de terra. A meta de Julião era essa: distribuir terra, terra pra quem nela trabalha.

Essa notícia se espalhou na Zona da Mata e todos também queriam fazer a reforma agrária. Mas era muito difícil pela reação dos latifundiários. Na região, todos os senhores de engenho e usineiros eram muito armados e tinham o apoio da polícia. Eles tinham o poder, o apoio do Estado, a assistência do governador e de governos conservadores. Era muito difícil as Ligas Camponesas prosperarem. Mas mesmo assim, a luta continuava. Nós dávamos assistência às Ligas Camponesas, de Goiana até Xexéu. Eu exercia medicina junto às Ligas Camponesas. Consegui colegas médicos para trabalharem comigo, porque eu não dava conta sozinho do trabalho.

Ao fim do governo de Cid Sampaio, o movimento já estava explodindo realmente. Foi incrível. Quando Miguel Arraes foi eleito governador, a coisa mudou. A primeira medida que ele tomou foi tirar a polícia da porta do camponês. Isso já constituiu 50% do trabalho a nosso favor.

A ideia do Partido Comunista não era tocar o trabalho das Ligas Camponesas pra frente enquanto Ligas Camponesas, porque essa era uma forma conservadora de tentar resolver o problema agrário. No início as Ligas se formaram como uma sociedade rural para ajudar o camponês. Ajudar a fazer o funeral do camponês. Ajudar com a distribuição de sementes para que eles plantassem alguma coisa. Não era um movimento realmente difícil, que pudesse congregá-los e orientá-los politicamente melhor.

Então, a ideia passada pelo Partido Comunista era de transformar a Liga Camponesa em sindicato rural, essa era a grande ideia. Em longo prazo, o movimento camponês poderia ir muito longe. Aí se decidiu fazer um trabalho do partido comunista dentro das Ligas Camponesas, rumo ao sindicato porque, com ele, a coisa seria diferente: você estaria lutando por uma instituição que o governo até protegia: era ter carteira assinada, ter o domingo, ter férias, 13º salário, e isto veio a inflamar o movimento camponês.

Das Ligas Camponesas aos Sindicatos

Nessa luta de agregar os camponeses em sindicato, criou-se um movimento muito sério. O Partido Comunista, inclusive Davi Capistrano, secretário geral do PCB, em Pernambuco entendia que o foco deveria ser os sindicatos urbanos e do porto, da região metropolitana: estivadores, tecelões etc. Portanto, a nossa ação dentro das Ligas Camponesas estava se desvirtuando. Não era mais uma conduta revolucionária. Eles diziam que nós estávamos fazendo um trabalho pequeno burguês, desvirtuando o verdadeiro trabalho da política sindical que o partido preconizava.

Julião também entendia que a nossa atuação tinha o intuito de tirar a liderança do movimento dele, de prejudicá-lo. Então, nós ficamos frente a esses dois polos, e foi muito difícil.

Nós tivemos que lutar para não sermos expulsos do Partido Comunista. Houve uma famosa assembleia pra acusar Fernando Barbosa e Socorro Ferraz, do Partido Comunista, por serem dois desagregadores que estavam levando o Partido a uma situação fora do controle, fazendo uma política pequena burguesa, vinda de Francisco Julião. Na realidade não era assim. Eles não entendiam nosso trabalho.

O processo foi muito traumatizante. Essa assembleia foi no auditório da antiga Faculdade de Ciências Econômicas. A tese da direção do Partido foi derrotada e nós não fomos expulsos. Apresentamos nosso trabalho. Amaro Valentim, do sindicato dos portuários, estava conosco. Mais de 90% da assembleia votou a favor da gente. Contamos também com o apoio de outras duas pessoas que nos defenderam muito bem, além dos nossos pronunciamentos. O primeiro foi Gregório Bezerra, que sempre teve uma visão de maior alcance, muito boa; e o outro foi Paulo Cavalcanti. Gregório havia ido ao campo para ver a experiência que vou detalhar a seguir, e se entusiasmou. Ele disse: “Não, Fernando e Socorro têm razão, para expulsá-los, vocês tem que me expulsar também. Eu devo trabalhar como dirigente desse núcleo.”

A situação de saúde das populações da zona canavieira

Quando eu trabalhava com as Ligas Camponesas, vivia carregando uma bolsa pra cima e pra baixo. Tinha certas cidades em que eu não podia entrar. Tinha que saltar do ônibus antes ou depois, e entrar pelo interior, escondido, porque se saltasse na cidade estava preso. Não podia chegar em Timbaúba, senão era preso; não podia chegar em Paudalho, no engenho Igarassu, no Cabo, porque em todas estas cidades haviam focos de reação muito fortes. E eles me identificavam porque a Liga Camponesa era infiltrada de informantes. E eles diziam: Fernando Barbosa, Socorro Ferraz, Emílio Xavier Carneiro Pessoa são perigosos. Eu ia muito ao Cabo, pois a gente tinha aí uma base para fazer um trabalho legal a partir das Ligas Camponesas.

Nós estávamos nas Ligas Camponesas porque tínhamos uma visão que as pessoas da cidade não tinham, pois a visão do asfalto limita muito as pessoas. A gente, que vivia no interior, sabia que, para você falar com o camponês, tinha que estar dentro das Ligas Camponesas, para início de conversa. Não era dentro do clube de futebol da cidade, nem misturado com os carolas da igreja. Isto não dava resultado. Você tinha que estar na Liga. À medida que você conscientizava o líder ou o grupo de pessoas que tinha

certa liderança, você começava a botar a ideia de sindicato na cabeça deles. E foi isto que aconteceu.

Criou-se como mencionei um problema muito sério dentro do partido. A discussão rolou porque o pessoal não entendia este processo. A Cooperativa Agrícola de Tiriri surgiu com um processo mais complexo que envolveu a SUDENE.

As discussões da gente melhoraram a cabeça do pessoal. Estávamos no interior todo dia. Eu passei dois anos da minha vida, já formado em medicina, sem exercer a profissão aqui no Recife, eu vivia em trânsito. Na medida em que eu tinha que receitar as pessoas, eu receitava e depois tinha uma reunião política. Era uma coisa montada em cima da outra.

Doenças e socorros

Naquela época, a situação das populações da zona canavieira era horrível. Morria-se de verminose. Isso não é admissível num país que tinha empresas como o Brasil na época. Você via uma população com nível de renda elevado aqui no Recife, mas se você andasse 30km além dele, via pessoas morrendo de ancilostomíase. Isto não entra na cabeça de ninguém. Só entrava na cabeça dos usineiros manterem o camponês faminto, doente e desgraçado para ficar dependente. Dependente do barracão e daquelas coisinhas que as mulheres dos usineiros e senhores de engenho davam, uma assistenzinha barata, um remedinho para combater anemia. Isto não resolvia nada porque não tinha um serviço médico organizado, a maioria das usinas não tinha. Nos engenhos particulares é que não havia mesmo.

Quando as mulheres estavam doentes ou para dar à luz, tinha uma *curiosa* que resolvia na medida do possível. Ela não tinha nem condução, às vezes, não dava tempo chegar à casa da pessoa quando era um parto complicado. Ela teve uma condução a partir da cooperativa de Tiriri: nós botamos um carro à sua disposição. Ela ia motorizada, e o atendimento era mais rápido.

Antes, eles resolviam os problemas com eles mesmos. Tomavam chá, às vezes, coisas erradas. Eu vi muito camponês tomar chá de cidreira porque pensava que ia combater a anemia. Chá de cidreira não combate anemia, coisíssima alguma. Eu entendo: não era a anemia que era combatida, mas ela tinha um efeito tranquilizante. Então, quando tomava chá de cidreira, havia uma ação neuroléptica, uma ação sobre o sistema nervoso e a pessoa ficava mais quieta. Até talvez ela tivesse uma sensação de melhora. Mas cidreira não combate anemia de jeito nenhum.

Eles pensavam errado, porque o camponês era muito atrasado em medicina, saúde. Eles nunca tiveram acesso a conhecimentos nenhuns, e não tinham tradição. O índio tem uma tradição de saber se tratar; mas o camponês, aqui na nossa zona canavieira, não tem esta tradição. Nunca teve. Nem tradição africana. No nosso conhecimento, eu não sei de uma experiência que traduzisse que fosse uma transmissão cultural de um saber que viesse do continente africano. Aqui é diferente da Bahia. Aqui eles separavam as pessoas. Isto fez com que eles não se agrupassem. A escravidão era uma coisa muito violenta. Aqui eles não tinham acesso, com a cana de açúcar e a própria mata um pouco afastada, eles não tinham acesso a plantas como na África. A língua também era um problema muito sério. No Sertão, há uma tradição.

Alimentação das populações da zona canavieira

A cana vinha até a porta do camponês; quando abria a porta da casa para sair, o canavial estava na cara dele. Alguns antigos moradores tinham algum sítio, mas isto era uma minoria. Eu conheci alguns pequenos que tinha quatro pés de manga no quintal, uma quadra, duas de mandioca, plantavam umas macaxeiras. Mas isto era coisa muito pequena, era um sitiozinho de bananas numa varzeazinha que chamavam de ‘vagem’. Lá tinha meia dúzia de pés de banana, mas isto não era permitido. De jeito nenhum. Alguns tinham por questão de amizade pessoal, mas era uma minoria mesmo.

A fonte de alimentação destas populações era o barracão que vendia sardinha, farinha e charque – mas não era charque, era sebo. E muitas vezes, a sardinha era velha e podre. Eu chegava nos engenhos, fazia um movimento com o pessoal e fechava o barracão. Fechamos mais de um aí na Zona da Mata. Deu cada confusão tremenda. Barracão: pior feijão, pior sardinha, pior farinha.

Por exemplo, uma vez, fechei o barracão do engenho Massangana, com a polícia junto, dando cobertura. Por que o fígado de alemão - que eles chamam de figo de alemão, fígado salgado e prensado - estava podre. Vendia também farinha e fubá. O fubá estava bichado, cheio de tapuru. O Sindicato denunciou e eu fui ver. Nós fomos na delegacia de polícia, isto já no governo Arraes, as coisas já haviam mudado: o barracão foi fechado. O material todo apreendido e incinerado. O dono do engenho era fornecedor da usina Santo Inácio.

No campo não existia ainda acesso a serviços de saúde, era precaríssimo, não havia nada. Cid Sampaio havia criado unidades mistas no Cabo, em Jaboatão e Moreno. Coisinhas pequenas com médicos vindo do Recife. Não funcionava bem.

Os problemas prevalentes eram infecção, desnutrição e parasitose. Morriam meninos de disenteria. Infecção intestinal matava crianças naquela época. Parasitose também. E qualquer gripezinha de criança terminava em broncopneumonia. Tinha que ter muito antibiótico etc.

O estado de nutrição era muito deficiente, porque o aporte de proteínas na alimentação diária deles praticamente inexistia. Eles comiam geralmente farinha, farinha com caroço de jaca. O caroço de jaca – na época em que as árvores estavam produzindo – até que ajudava, porque este caroço é uma fonte de proteínas. Eles não tinham carne. Eles comiam uma vez por semana sardinha que compravam no barracão.

E dividia meio quilo de farinha para dez, doze pessoas – porque na família do camponês a média não era de quatro filhos por casal, era de oito. Na época as famílias eram maiores. Todos eles eram anêmicos; todos eles tinham deficiência nutricional; todos eles estavam infestados de verminoses. Num estado de fraqueza desses, qualquer infecção era a morte para eles. Não tinha socorro. Depois da cooperativa eles começaram a ter assistência.

Eu fazia denúncias à saúde pública. Mas era governo de Cid Sampaio. É claro que não ouviam a gente. Mas a coisa melhorou quando começou o governo Arraes, em 1963. A gente tinha o apoio da Secretaria Assistente do governo: era uma secretaria especial que tinha por missão dar apoio político a estas ações.

Tiriri, um exemplo a ser seguido

Nosso trabalho cresceu tanto que dois diretores da SUDENE, Joaquim Ferreira e Jader de Andrade, se interessaram por ele e propuseram fazer um trabalho conjunto, com a SUDENE. Aí a coisa melhorou; o apoio de uma entidade como a SUDENE fez a diferença.

A luta estava muito grande naquele tempo, camponês era espancado, a casa era incendiada, aquela confusão. A proposta era a seguinte: começar onde tínhamos mais apoio. Palmares, ou Cabo de Santo Agostinho. Então optamos pelo mais perto.

Pelo menos, o usineiro da Usina Santo Inácio estava falido, e a partir daí ele propôs ao Dr. Jader de Andrade, diretor da SUDENE um contrato para arrendamento das terras para ver se resolvia isto. A usina não pagava mais a ninguém, era aquela complicação. Já estava brigando com os sindicatos dos trabalhadores. E todos os engenhos que pertenciam à Usina estavam numa situação de miséria total, porque até o barracão dos engenhos não mais existiam. Não tinha mais barracão. Porque só tem

barracão na medida em que a Usina compra os gêneros alimentícios para o barracão revender aos camponeses. Inclusive eles comiam as coisas que estavam lá, que não eram boas. Pagavam caro por isso.

Jáder de Andrade diligenciou uma conversa com a família Cardoso, dona da usina Santo Inácio. E eles toparam a proposta do Dr. Jáder. Eles ficavam com a parte industrial, e os técnicos da SUDENE organizariam juntamente com os camponeses uma cooperativa responsável pela produção da cana de açúcar. Ficávamos com todos os engenhos. Todos eles já tinham Ligas Camponesas. O sindicato, forte, dava apoio a todos nós. O sindicato rural de Cabo de Santo Agostinho, como o de Palmares, o de Goiana etc., todos os sindicatos já estavam praticamente organizados naquela época.

Quanto à Cooperativa, era o seguinte: o usineiro continuava com sua usina e quem fornecia cana para a usina era a cooperativa agrícola. Mas a cana que entrasse na usina, imediatamente no fim da semana, o preço era contabilizado pra ser pago para a Cooperativa que distribuía com os engenhos o dinheiro arrecadado. E a usina moía a cana; o açúcar ficava com o usineiro e a produção rural era da Sociedade Agrícola de Tiriri.

Isso foi uma coisa revolucionária pra época, porque o camponês nunca teve tanto dinheiro no bolso como naquela época. O dinheiro chegava pra eles e eles ficavam satisfeitos e cada vez eles plantavam mais cana. E a coisa foi crescendo, a situação foi tão complicada pra nós porque todos os outros engenhos vizinhos queriam entrar na associação de Tiriri. Mas só que não dava, porque os outros engenhos já pertenciam a outras usinas, aquelas que faziam fronteiras já com os municípios de Escada, Rio Formoso e Ipojuca. Imaginem a confusão que se estabeleceu na época!

Havia opiniões diversas a respeito da Cooperativa. Davi Capistrano e Teodelina Moreira (técnica da SUDENE, na época) achavam que o fato de termos “aliviado a pressão que os usineiros estavam sofrendo” era um desvio da revolução. Julião queria dividir a terra. Dar um pedaço para cada um 10 ou 20 ha. E isto ia dar numa grande confusão. Não ia dar em nada. Cada um poderia plantar o que queria. E o que dava dinheiro era a cana. E Davi e parte do partido achavam que a luta devia ser através do sindicato e que não havia da parte dos camponeses organização suficiente para a tomada das terras.

Argumentamos que a cooperativa venderia a produção agrícola para a usina que ficaria só com a parte industrial. E aí não seria mais explorado o camponês. Ele teria seu próprio dinheiro. A cooperativa teria seu próprio dinheiro vendendo a cana para a usina.

E assim foi feito. Até o Presidente da República veio para a inauguração da Cooperativa, o João Goulart. Celso Furtado concordava conosco. Ele achava que era uma experiência interessante que deveria ser realizada como um estudo dessas relações sociais. E nessa perspectiva Jader de Andrade também trabalhava. No sul do estado as pessoas também queriam fazer cooperativas assim, sobretudo em Água Preta onde a usina estava falida.

Tínhamos esse apoio político, e também conseguimos muita coisa por causa do exemplo de Tiriri, cuja cooperativa abarcava cinco engenhos, e a usina era obrigada a receber toda a cana dessa produção. A experiência da Cooperativa de Tiriri, no primeiro ano foi espetacular. Houve uma duplicação da produção. Quando o camponês botou na cabeça que a produção era dele, ele trabalhou fantasticamente. Nós conseguimos a melhoria de vida deles porque tínhamos uma cooperativa que fornecia alimentos. Os barracões foram eliminados dentro da Cooperativa. Os engenhos que participaram, foram os seguintes: Algodoais, Tiriri, Jasmin, Serraria e Massangana.

Em 1963, o lucro foi grande.

Estabeleceu-se uma cooperativa central com gêneros de primeira necessidade, com sede em Algodoais. Eles já tinham dinheiro suficiente para comprar na feira do Cabo. Na feira, matavam dois bois, na época, por semana. Seis meses depois, um ano depois, eram vinte bois, trinta bois abastecendo a feira. Quer dizer, o pessoal começou a comprar carne. Todo mundo passara a comer carne. Isto foi tudo uma consequência do processo político-econômico.

Para você ter uma ideia, a feira do Cabo, que há muito tempo não vendia cama Patente, começou a vender cama Patente para os camponeses. A modificação do nível de vida deles era notável. Andei muito nas casas dos camponeses. Eu nunca havia visto um camponês com uma cama decente para dormir com a família na casa dele. Ou dormia de rede, ou dormia no chão. Naquele tempo havia uma cama muito usada, a cama Patente, faixa azul. Todo mundo queria comprar uma cama. Camponês comprando cama Patente foi uma coisa que chamou atenção. Eles só queriam a chamada ‘faixa azul’. Eles sabiam que os senhores de engenho tinham cana Patente, ‘faixa azul’, e eles também queriam.

Conseguimos também melhorar o padrão de saúde deles. Nós tínhamos um projeto na área, a partir de Algodoais, e cada engenho tinha seu ambulatório. Coisa que nunca houve; coisa que eles nunca tinham visto. O médico, o dentista e o pediatra iam cuidar da população toda. Não tínhamos um ginecologista, mas tínhamos uma parteira

diplomada, Dona Júlia. Ela era também das Ligas Camponesas e fez treinamento de um mês na maternidade do Derby, fez um curso excelente e se transformou na parteira do Cabo, era oficial. Ela foi contratada pela cooperativa.

Dr Leon Gerschmann, homem de esquerda, era diretor da unidade mista do Cabo e o Dr Zildo Farenstein, ginecologista obstetra. Fiz um acordo com eles dois para que atendessem qualquer caso grave. A parteira conseguia fazer a maioria dos partos. Em mais de 70%, resolvia. Se não conseguisse, levava para o Dr Zildo Farenstein na unidade mista do Cabo. Se complicasse mais, levava para a maternidade do Derby, no Recife, onde havia feito um acordo com o diretor, Dr Iremar Falconi, para que atendesse as mulheres da Cooperativa. E quando podia resolver dentro dos engenhos, tudo bem. Quando não podia, trazia para o Cabo ou para Recife. O hospital Dom Pedro II também foi um grande apoio para nós. Era o hospital universitário na época.

Os camponeses sabiam que tinham cobertura. E que tinham consultas também, porque eu fazia um rodízio nos sindicatos. Então, nós tínhamos uma parteira, enfermeiros, médicos e os ambulatórios funcionavam. Inclusive, com os remédios. A essa altura a cooperativa havia feito um fundo de reserva para medicação, e comprávamos remédios nos laboratórios estatais. O LAFEPE e o Laboratório do Exército na Paraíba também nos forneciam medicamentos. Começamos com uma linha de produtos: fizemos uma lista básica de doze ou quinze produtos de maior necessidade. Tinham remédios para estas verminoses todas, estas anemias todas; antibióticos para infecções; remédios para hipertensão e alguns remédios essenciais para doenças crônicas. Este serviço funcionava muito bem diariamente, a ponto de servir de exemplo.

O interessante é que os engenhos da vizinhança queriam entrar na cooperativa também. O problema era como entrar na cooperativa. Foi neste processo de discussão, e pelo fato da cooperativa ter crescido no Cabo, que o Golpe Civil-Militar em 1964 chegou e acabou com tudo.

Tudo caminhou bem. Pena que foi por pouco tempo. Já dava para ver a diferença. O pessoal melhor alimentado. A própria higiene das casas. Eles passaram a fazer fossas, organizavam tudo direitinho. O impacto se fazia sentir em tudo. Tinha até uma pessoa para ensinar as camponesas a fazer comida, otimizando a utilização dos recursos locais: farinha de amendoim, farinha do caroço de jaca onde tem muita proteína, como o amendoim. Era Helena Pessoa, antropóloga, ela era formada também em economia doméstica. Em Tiriri, ensinava como aproveitar tudo o que tinha na região para fazer comida. Isto melhorava a saúde das crianças principalmente.

Já se tentava também limitar a natalidade. Tinha muitos filhos em cada família, oito crianças. E eles tinham que manter e alimentar todos estes filhos. Muito trabalho. Nós aconselhávamos a utilizar a camisinha. Mas não era fácil, sobretudo com aqueles que eram menos politizados.

A alimentação melhorou muito. Não deu tempo para estender muito a horticultura. Eles produziam feijão, batata, mandioca. Tinha a casa de farinha onde Helena ajudava bastante com os beijos. Eles procuravam também caranguejos.

Tentei formar pessoas intermediárias para fazer um trabalho de aproximação, como Gercino dos Santos, nosso compadre, e o coloquei como funcionário da unidade mista do Cabo, junto ao Dr Gerschmann. Ele fazia o papel de agente de saúde. Assinalava os problemas de saúde nas famílias, nos engenhos.

O saneamento era fundamental. As fezes ao ar livre são um fator de contaminação. Também as mãos sujas. A luta era para ter fossas, água limpa e remédios contra vermes. Tinha engenheiros para ensinar a fazer fossas. Era da equipe da Sudene de Jader Andrade.

Educação: aulas de medicina sanitária e nutrição, e alfabetização

Toda semana eu tinha um programa de explicar para eles o que era doença. Eu dava aula. Tínhamos um programa para ensinar às mulheres como aproveitar as coisas da melhor forma possível, como conservar as coisas, como as frutas no açúcar. Eles tinham o açúcar mascavado, mas não faziam doces. Não era da tradição deles; eles não costumavam comer doce. A comida deles basicamente era farinha e peixe e charque. Nada de verduras, sopas, não.

Alguns tinham galinhas. Cabras não, porque era proibido. A galinha não era proibida. Uma galinha ou duas. As galinhas eram guardadas, primeiro para quando a mulher tivesse um filho, tinha que comer galinha por causa do resguardo; e segundo numa situação muito especial, uma galinha porque era dia de festa, dia de Natal, uma peruazinha porque era dia de Ano Novo. Era criada neste sentido. Não era para comer no dia a dia não.

Só a partir da Cooperativa de Tiriri, eles começam a ter ideia do que seja saúde, porque nós dávamos aulas de medicina sanitária. Primeiro a higiene, o nosso debate maior. Depois a alimentação; para que serve a comida; o que é proteína; o que é gordura; o que é açúcar. Tudo isto era explicado.

E depois as doenças. A partir do momento em que entendiam o que era sanitarismo, higiene e alimentação, aí você já começava a botar na cabeça deles, num processo didático, o que era doença. E quais são as doenças que mais prevalecem na região em que eles moram, na Zona da Mata. Aí começávamos com as verminoses. O que é uma lombriga; o que um ancilóstomo; um esquistossomo, tudo isso. Como é que estes bichos vivem, como é que eles atingem o homem. Eles começaram a entender.

Tudo isto era explicado, mostrado no quadro. Mostrávamos com slides, inclusive isto foi até motivo de um filme que circulou, um documentário. Eu estava dando aula, explicando inclusive o processo de verminose e mostrando a barriga para o pessoal, porque é que a barriga cresce. Explicando que não deveriam gastar dinheiro com farmácia e sim com comida. Aí o Exército dizia que o que eu estava mostrando eram armas. Este filme já me custou muitos problemas. Diziam os militares, que eu estava ensinando o pessoal a atirar, comunista etc. Tem imagens reais desta cena no filme que documentou a visita de João Goulart, na região, apoiando oficialmente a experiência.

Saúde e higiene ambiental era da minha responsabilidade, educação era da responsabilidade de Socorro Ferraz, minha mulher que é professora de vocês, aqui de história. E nós participamos do filme, e Socorro também participou, muita gente participou. No filme eu dou uma explicação do programa de saúde, pra que o pessoal do Brasil soubesse o que era a saúde de um camponês na época.

Em termos de educação, havia escolas para as crianças. Eram bastante precárias. Funcionavam numa casa mais velha, cedida pelo proprietário. Os técnicos da SUDENE, eu e Socorro fazíamos parte da equipe, sugeriram, ouvindo então o professor Paulo Freire, um curso para a alfabetização de adultos. Quase todos os adultos eram analfabetos. Sabiam, às vezes, assinar o nome. Houve muita reação quando fizemos aulas à noite. Madalena Freire, a filha de Paulo Freire, agregou-se ao projeto de educação de adultos de forma voluntária. Eles reagiram com seus capangas. Eles ficavam observando o tempo todo.

Nós chegamos a contestar um usineiro assim nas barbas dele. Socorro foi testemunha dele tocando fogo na casa de um camponês. Rui Cardoso. Rui Cardoso estava tocando fogo na casa de um camponês quando Socorro chegou. Elas chegaram na hora. À noite, tinha aula na escola. Quando elas chegaram lá, o usineiro veio com quatro capangas para apagar a luz e botar todo mundo para fora. Agressividade mesmo, de bater assim em todas as pessoas. Socorro se fez de louca. Queria ver até quando, até que ponto ia bater nela. Ela começou a aula e ele não atirou. Ficou assim com ódio, e a

aula continuou, e a aula era exatamente uma aula política, chamava a atenção para questões políticas. Mas era de alfabetização, embora com temas políticos. Nenhum camponês também arredou de lá.

O Engenho de Igarapu, onde ele incendiou a casa daquele camponês, não estava dentro da cooperativa. E o pessoal de lá também queria entrar na cooperativa. Mas ele não permitia porque Igarapu era o engenho sede de sua usina. Daí ele ter ódio aos camponeses de Igarapu.

Socorro aplicou a pedagogia de Paulo Freire, juntamente com Madalena. As mulheres se apresentaram com mais vontade de aprender. Muitos se apresentaram. Os que eram reticentes diziam que nada ia mudar. Tinham muita consciência que viviam muito mal, que eram muito maltratados e que era muito triste a vida deles.

O programa da Cooperativa de Tiriri, como um todo, atingia mais de 1.000 famílias. Era um programa muito grande e a gente tinha suporte para atender todo mundo. Inclusive, este programa médico de Tiriri serviu de exemplo para que se criasse, no Maranhão, um serviço na cooperativa de Pindaré Mirim. Um serviço de saúde a partir da principal cooperativa econômica de lá. Daí que surgiu o departamento de saúde da SUDENE. Veja, a SUDENE começou a se preocupar com a saúde só a partir do exemplo de Tiriri.

Teve então uma modificação radical em toda a zona canavieira. Provavelmente poderíamos ter criado cooperativas em todas estas áreas do açúcar. Estávamos também pensando em estender para o interior a experiência.

Projetos e perspectivas: se não houvesse 1964

Tem antes de Tiriri e depois de Tiriri. Os anos de 1962 e 1963 foram de muito trabalho e de muito êxito da cooperativa. No terceiro ano, já se pensava em fazer uma ampliação dela. E o pessoal de Palmares, de Ribeirão, de Igaraçu estava querendo fazer cooperativas também. O campo estava num processo que não se segurava mais. A gente dizia, muitas vezes, a Jader, que a SUDENE tinha que ser a promotora de outras cooperativas.

Mas veio 64, e acabou com tudo, foi uma tragédia. Inclusive nossa liderança camponesa foi presa e dizimada. A maioria morreu, foi assassinada no Cabo mesmo. João Francisco escapou, mas morreu depois. Deu um desgosto tão grande... Zé Amaro foi preso. Moacir foi preso. Zé de Natalício foi preso. Muita gente. A liderança toda foi presa. Entretanto, foram as lideranças em Palmares, da Mata Sul, as lideranças mais

ativas. José Eduardo escapou porque fugiu. Foi preso. Mas o camponês que era secretário do sindicato desapareceu até hoje. A repressão atirava os corpos naquela estrada que antigamente ia de Caruaru à Campina Grande. Ela não era utilizada porque era muito estragada, muito esburacada, aí apareceram os corpos sem as cabeças. Nós estávamos tentando resolver isso com outros usineiros para ver o que seria, quando chegou o golpe de 64 que acabou com tudo isso. Realmente 64 começou muito bem para Tiriri. Que destino amargo, 64 foi uma bomba que caiu em cima dessas pretensões todas. O que houve, foi a destruição da cooperativa agrícola, a prisão de todos. Por conta disso tudo, eu fui preso inúmeras vezes. Não foi uma vez só, nem duas, nem três.

E o que mais me fez sofrer de tudo isso, foi um filme que a SUDENE fez. Porque para explicar nacionalmente o que foi a Cooperativa Agrícola de Tiriri, a SUDENE fez um filme. Contratou uns cineastas, lá de São Paulo, e fez um filme sobre o que era esta experiência inovadora da Cooperativa Agrícola de Tiriri. E eu tive que ter participação nesse filme. Esse filme existe, não sei se alguém já assistiu a esse filme. No filme se explica todo o projeto: como era a extensão desse projeto; suas metas; o projeto de educação da cooperativa; o projeto de saúde da cooperativa; o projeto de higiene ambiental da cooperativa. Este assunto já foi referido anteriormente.

Eu falei da precariedade da vida deles, no sentido mais amplo, falei da alimentação precária deles. Eram subnutridos, faltava higiene, falei de verminose, dos males da esquistossomose. Isso me deu um problema com os militares da época, em 64, no golpe, numa das minhas prisões, eu tinha que explicar porque eu estava dizendo aos camponeses que tinham que botar na cintura um revólver. Eu não era contra botar revólver na cintura, mas estava realmente falando que no abdômen, na barriga daquelas pessoas, havia muitos vermes e um deles era o esquistossomo. E um deles disse "*eu não sei nem o que esquistossomo...*", ou seja, era um coronel do exército que não sabia nem o que era o esquistossomo.

Mas isso foi difícil, o movimento foi todo prejudicado. O que restou depois de 64... Deu um trabalho que foi o mais difícil de todos: foi ver quem sobrou, quem sobrou daquilo tudo, quem foi que não morreu. Ai foi um trabalho perigoso. Logo eu corri um risco muito grande e, por conta disso, eu fui preso umas três ou quatro vezes para explicar tudo isso. Criei uma cadeia de companheiros nossos que saíram da Zona da Mata Norte, Sul, Centro aqui, indo de engenho em engenho, para ver quem sobrou do movimento; quem sobrou do sindicato. Para refazer tudo isso, refazer o sindicato,

reorganizar os sindicatos. A essa altura, já estamos na década de 70. Morreram muitos e continuaram morrendo, a matança continuou.

Vocês imaginem que pessoas importantes no movimento camponês, pessoas que eram grandes lideranças aqui do Estado, como Manoelzinho na Zona da Mata Norte, não sei se Beija-Flor, Júlio Santana na Zona da Mata Sul, Manoel Amaro, Zé Eduardo em Palmares e tantos outros, Seu Zezé, companheiro lá de Galileia, se não tivesse havido 64, todo o movimento camponês haveria de ter se organizado melhor. Mas as grandes lideranças todas foram dizimadas, foram mortas, assassinadas, obrigadas a fugir.. E eu tive que sair do país em 1974. Numa das minhas prisões, eu consegui ser solto, e daí juntei a minha mulher as filhas Bartira, Betina e Marina e viajamos para a Alemanha. Quando voltei da Alemanha em 1980, já tinha chegado a anistia.

Continuou morrendo gente. Morreu gente até a década de 80, 82/83, ainda matavam pessoas. Quando eu cheguei aqui ainda tinha gente morrendo por conta de questões rurais dos sindicatos. Mas eu não me arrependo de nada que fiz. A essa altura quando eu voltei da Alemanha, eu não participei mais dos sindicatos rurais. Já eram outras pessoas, outras lideranças e apenas alguns velhos companheiros, que existiam, tínhamos contato, conversávamos ainda. Mas voltei para a Universidade, onde foi sempre o meu lugar, na Faculdade de Medicina, onde eu fui preceptor de alunos estagiários e do Hospital das Clínicas onde fui médico e por lá me aposentei. Hoje em dia, estou aposentado da Universidade, mas continuo trabalhando como médico no município de Jaboatão, tentando fazer alguma coisa boa por lá, organizando também aquele pessoal.

PERNAMBUCO 1963: POLÍTICA E CULTURA